



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

EDNEI DOS SANTOS GUEDES

O PROCESSO DE PADRONIZAÇÃO DA FEIRA LIVRE DE CACHOEIRA

Cachoeira
2018

EDNEI DOS SANTOS GUEDES

O PROCESSO DE PADRONIZAÇÃO DA FEIRA LIVRE DE CACHOEIRA

Monografia apresentada ao curso de graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidade e Letras Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a.Ms. Patrícia Verônica Pereira dos Santos

Cachoeira
2018

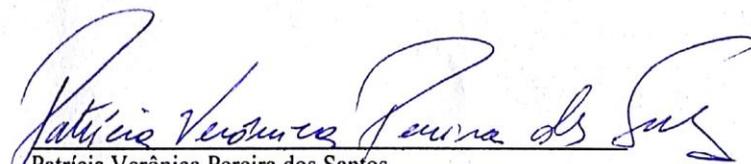
EDNEI DOS SANTOS GUEDES

O PROCESSO DE PADRONIZAÇÃO
DA FEIRA LIVRE DE CACHOEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 9 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Patrícia Verônica Pereira dos Santos

Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Anderson Conceição Ferreira

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Museólogo da Fundação Hansen Bahia

Dedico esse trabalho ao meu Deus todo poderoso, que sempre me ajudou, principalmente nos momentos mais difíceis da minha caminhada, pela sabedoria que ele tem me dado e principalmente pelo dom da vida, a ele a honra, a glória o louvor e toda adoração, amém.
Obrigado meu Jesus

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço ao meu Deus todo poderoso porque sem ele na minha vida eu não conseguiria chegar até aqui. A trajetória é árdua, cansativa, quantas vezes eu pensei em desistir, mas nessas horas eu buscava o renovo da minha força em Deus, orava e buscava respostas e o meu Senhor Jesus Cristo não me desamparou nesses momentos tão difíceis, a caminhada foi longa, tinha que me conciliar entre trabalho e estudo, mas graças a Deus consegui, valeu a pena cada momento que passei na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, por isso eu glorifico e exalto ao meu Deus todo poderoso.

Tem algumas pessoas que fizeram e fazem parte desta vitória na minha vida, eu agradeço do fundo do meu coração a minha mãe Naiara Maria Moreira dos Santos, que sempre confiou e acreditou em mim, sempre me aconselhou a estudar e nunca desistir quando encontrasse os espinho na caminhada da vida, eu queria poder agradecer ao meu pai Edmilson Valdir de Aguiar Guedes, mas infelizmente ele não está vivo para poder compartilhar esta conquista junto comigo, mas eu tenho certeza que se ele estivesse vivo neste momento, estaria muito feliz, agradeço a minha esposa Tatiane, porque me ajudou muito nessa caminhada, cuidando de nossas filhas, me ajudando nos afazeres da casa, pois sem ela seria muito difícil eu continuar nos estudos, enfim agradeço a todos os meus familiares que de uma forma direta ou indireta, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Quero agradecer a todos os meus colegas do Curso de Museologia, que caminharam juntos comigo nesta batalha. Foram tantas pesquisas juntos! Seminários, viagens para elaboração de trabalhos, foram momentos que eu vou guardar para sempre na minha memória.

Quero agradecer a todo corpo docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, principalmente os que fazem parte do Curso de Museologia, em especial, quero externar a minha enorme gratidão a professora Patrícia Santos, minha orientadora, que me ajudou bastante na elaboração deste trabalho, também pela sua determinação em me dar confiança para prosseguir, pois, por muitas vezes, eu falei que não daria tempo para fazer a minha monografia, mas ela sempre me incentivava a continuar e dizia que eu era capaz.

Diante de tudo que passei dentro da universidade, tristezas, alegrias, choros, sorrisos, decepções com algumas pessoas, enfim, foram momentos que marcaram a minha vida e com toda certeza, se pudesse eu faria tudo de novo, não me arrependo de nada que eu fiz, ou seja, muito obrigado a todos vocês.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Modelo da antiga barraca.

FIGURA 2- Laje, local para onde a prefeitura enviou os feirantes.

FIGURA 3 - Desenho das novas barracas.

FIGURA 4- Modelo da barraca de confecções e sapatos.

FIGURA 5 - Modelo da barraca de hortifrutigranjeiros.

FIGURA 6- Modelo da barraca de cereais, camarão, biscoito, peixe seco, carne seca.

FIGURA 7- Planta baixa da feira livre após a padronização.

FIGURA 8- Decreto das normas da padronização.

Resumo

O presente trabalho monográfico tem como principal finalidade apresentar o processo de padronização da feira livre de Cachoeira-BA, com o objetivo de obter dados através da pesquisa de campo com as entrevistas, sobre o que essa padronização representa para os feirantes, saber a opinião deles sobre quais os benefícios e prejuízos que a mesma vai proporcionar para os comerciantes, consumidores e os moradores do entorno da feira. Mostrar para os órgãos competentes a importância da feira livre como patrimônio cultural imaterial, pois existe um projeto de padronização para feira, mas será que existe um estudo de caso, para saber se realmente é necessário padronizar, pois em conversa com os feirantes, se dizem preocupados com essa padronização, não por não aceitarem, mas pelo fato da obscuridade que esse processo de mudança vem acontecendo, é preciso mais clareza nessas ações, principalmente pelo fato de estar mexendo não só com as barracas, mas com a vida das pessoas, com suas fontes de renda, ou seja, com único meio de sobrevivência de uma boa parte da comunidade cachoeirana e cidades vizinhas.

Palavras - chave: Feira. Patrimônio. Padronização. Feirante. Cachoeira-BA.

ABSTRACT

The main objective of this monographic work is to present the project of standardization of the fair Cachoeira-BA, with the objective of obtaining data through oral interviews and field research, about what this standardization represents for the marketers, to know their opinion about what benefits and losses it will provide for traders, consumers and the residents of the fair. To show the competent bodies the importance of the fair as an intangible cultural heritage, since there is a standardization project for the fair, but is there a case study to know if it really is necessary to standardize, because in conversation with the marketers, if they say They are concerned about this standardization, not because they do not accept it, but because of the obscurity that this process of change is taking place, it is necessary to be clearer in these actions, mainly because they are stirring not only with the tents, but with people's lives, their sources of income, that is to say with only means of survival of a good part of the community cachoeirana and neighboring cities.

Keywords: Fair, Patrimony. Standardization. Fair. Interview. Research.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	10
2	Cachoeira e sua história.....	12
3	A feira de Cachoeira, um patrimônio cultural imaterial.....	16
4	A padronização da feira de Cachoeira.....	24
5	Considerações finais.....	34
6	Referências.....	36
	Entrevistas.....	38
	Apêndice.....	40
	Anexos.....	46

1. Introdução

Este trabalho de conclusão de curso aborda o tema da padronização da feira livre de Cachoeira, cidade do Recôncavo da Bahia. Localizada na Praça Maciel, no centro, a feira livre ocupa a praça e o entorno do Mercado Municipal da cidade. Neste espaço, cerca de 400 feirantes trabalham em 300 barracas nos dias de terça, quarta, quinta, sexta e sábado. A feira é visitada por cerca de 3.000 pessoas ao dia. Estes dados foram adquiridos junto à Secretaria de Serviços Públicos da Prefeitura Municipal da Cachoeira cujo secretário de serviços públicos, o Sr. Hudson Torres, informou que todos os anos é feito um cadastramento da feira com o intuito de levantar estes dados. A feira é composta de uma grande variedade de produtos, dos quais podemos citar carnes em geral, verduras, frutas, peixes, cereais, confecções, sapatos, bijuteria, CD e DVD.

A Feira da Cidade da Cachoeira é um local de trocas e relações pessoais onde o Patrimônio material e imaterial ganha significados históricos, sociais, econômicos e culturais. A prefeitura de Cachoeira deu início a um projeto de padronização da feira em 04/01/2015, na gestão do ex-prefeito Carlos Pereira, com o objetivo de organizar um modelo de padronização para garantir que esse Patrimônio Imaterial e sócio-econômico venha a manter-se sem perder seus aspectos histórico-culturais adquiridos ao longo dos anos.

É costume nas feiras livres mercadorias serem expostas no chão, contudo, está existindo em várias cidades da Bahia, a tendência a modernização e padronização, assim ocorreu na feira de São Joaquim, em Salvador. Em Cachoeira, a ideia é proporcionar uma qualidade maior no ambiente, fazendo melhorias no saneamento básico e condições de higiene. Por isso houve a decisão por padronizar barracas para um melhor acondicionamento, já que os alimentos no chão estão sujeitos a transmitir doenças, pois ficam em contato direto com animais, a exemplo de roedores e cães.

A feira é um espaço polissêmico em que vidas se cruzam, convivem e experimentam um cotidiano de diversidades. Feirantes, consumidores, transeuntes, turistas, crianças, idosos, mendigos e animais dividem o mesmo lugar. Conversas que se misturam num som confuso, imersas em cheiros e maus cheiros de restos de alimentos espalhados pelo chão, em meio à aparente desorganização das barracas, oferecem às centenas de olhares uma exposição de mercadorias das mais coloridas, distintas e vindas de diferentes lugares. (Almeida e Penac, ano 2009, p. 111)

Contudo, nem todas as pessoas concordam com a modernização, alguns feirantes proporcionaram uma grande discussão sobre o assunto, pois não concordam com a mudança, já que na visão deles perdem clientes, perdem espaços e com toda essa situação tiveram grandes prejuízos. Outros comerciantes aprovam, pois dizem que agora todos tem o mesmo direito, pois antes se sentiam excluídos, por que viam uns com quatro, cinco metros e outros não tinham nem um metro para comercializar.

Os moradores do entorno em quase toda totalidade aprovaram, pois dizem que agora tem o direito de ir e vir, porque para eles a feira virou uma verdadeira bagunça; as pessoas não tem acesso as suas casas, não podem parar seus veículos na porta e fora o mal cheiro que os alimentos transmitem. Com a padronização, na visão dos feirantes, vai mudar para melhor, porque as propostas são boas vai ter o dia de tirar e colocar as barracas, vai ter os dias de lavagem e higiene da rua.

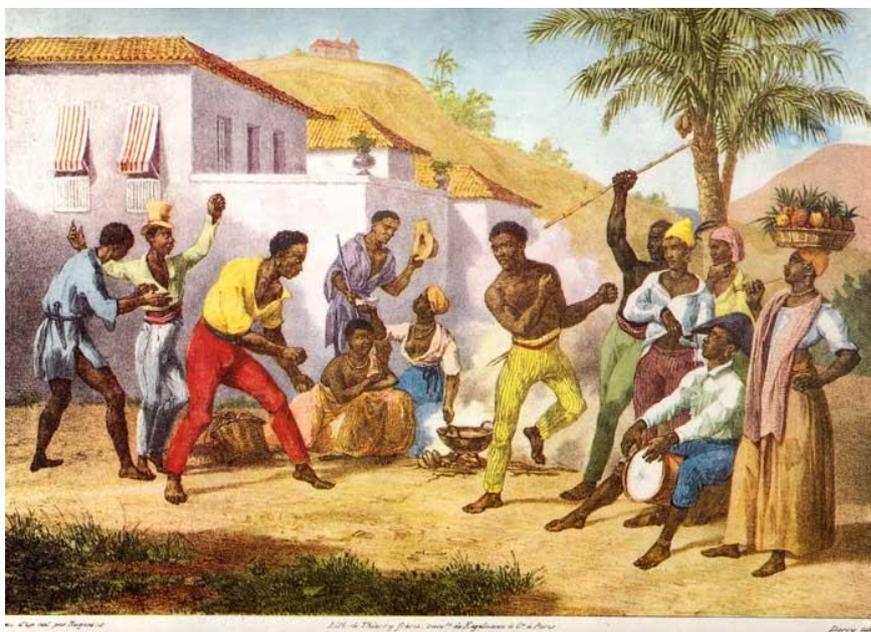
Assim, esta monografia tem como propósito tratar do Processo de Padronização da Feira Livre de Cachoeira, traz uma análise de possíveis benefícios e prejuízos que esse projeto de padronização pode trazer para todos os que nela estão inseridos de uma forma direta e indireta na feira de Cachoeira-BA. Muitos são os questionamentos por parte dos comerciantes, moradores e consumidores da feira, uns concordam com a padronização, com base em fontes orais e documentais, trazemos essa discussão tão presente no cotidiano dos feirantes e da população.

A monografia está assim ordenada: Introdução, três itens e conclusão, o primeiro item será destinado à abordagem do contexto histórico, político e cultural da Cidade da Cachoeira e a sua feira; no segundo item, buscaremos mostrar a feira de Cachoeira como bem cultural imaterial para a comunidade local; o item seguinte, contará com análise e problematização do processo de padronização da feira livre de Cachoeira, que envolve moradores do entorno da feira, feirantes e consumidores.

2 Cachoeira e sua história

A Cidade de Cachoeira é uma cidade do Recôncavo baiano que está localizada às margens do rio Paraguaçu, está distante à aproximadamente 110 quilômetros da capital baiana que é a cidade de Salvador. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no ano de 2017, a população de Cachoeira é de 35.139 habitantes, considerando zonas urbana e rural.

Cachoeira nasce cidade acanhada no final do século XVI com a chegada do italiano Paulo Dias Adorno. Em 1511 os portugueses expedicionários chegaram ao último ponto navegável do Rio Paraguaçu, limitados por uma queda d'água; uma "cachoeira". Somente em 1531, com a expedição de Martim Afonso de Souza e Paulo Dias Adorno foram realizadas as primeiras tentativas de povoamento nas áreas do Paraguaçu. Na margem esquerda, foi construída a Freguesia, a qual foi elevada à categoria de "Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira" em 1698. (FERNANDES; OLIVEIRA, 2012, p, 4) (Figura 1)



<https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+brasil+colonial&rlz>

A Coroa Portuguesa no início da colonização das terras de além-mar optou por transferir os gastos de produzir e manter comércio que gerassem renda para terceiros, que seriam homens de confiança do Rei. E deveriam com os próprios recursos iniciar o povoamento e instalar engenhos de cana-de-açúcar, para que a expansão da atividade dessa atividade açucareira tomasse força, como também a mão-de-obra que nesse momento foi utilizada a Indígena, segundo Katia Mattoso “aldeias de índios existentes no Recôncavo foi rapidamente dizimadas, e a expansão dos Colonos tomou a direção da Península do Iguape...” (MATTOSO, 1992, p.727). Assim Cachoeira passou a ser um entreposto comercial entre Salvador e o sertão para dentro (hoje cidades da Chapada Diamantina), como também neste ponto do Rio Paraguaçu o acesso a Salvador era mais rápido.

Com seu poderio econômico, Cachoeira tornou-se uma das cidades mais ricas da Colônia, já que em 1674, após a expulsão definitiva dos holandeses das Terras Portuguesas, torna-se Freguesia, e já em 1693 é elevada a Vila como o nome de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Por ser ponto estratégico um porto movimentado, posou à ter fixação de uma elite econômica e escravista, chegando ao ponto de disputar com a Cidade de Nazaré prestígio com a Cidade do Salvador.

No século XVIII, segundo Luis Henrique Dias Tavares, Cachoeira “[...] ganhou enorme importância [...] por causa de sua condição de Centro Comercial de uma Região que incluía o Rio do Iguape e era passagem para Vilas e Povoados dos Sertões do Rio São Francisco (TAVARES, 2001. p,155). Assim Cachoeira tornou-se a senhora da opulência colonial, o que durou até o império.

Durante o século XIX, e antes, Cachoeira mantém influência:

Em 1875, uma estabeleceu ligação permanente com Feira de Santa e, em 1886, com São Gonçalo dos Campos, então destacado produtor de. Apesar de festejadas nestes tempos pioneiros, tais iniciativas podem ser consideradas muito pouca coisa em relação ao grande potencial para o desenvolvimento que tinha a região e o volume da riqueza que pôs ela passou ao longo destes séculos.

O prestígio de Cachoeira pode ainda ser medido pelo fato de ter sido a primeira cidade baiana a ganhar uma ponte, no ano de 1885, facilitando bastante o transporte para a vizinha São Felix, até então complicado e perigoso em razão das frequentes cheias do Paraguaçu. Neste período, um barco levava pouco mais de sete horas para alcançar Salvador. (BAHIA, 2009, p,26)

Do ponto visto político, participou em 1822, de forma efetiva, no Movimento que levou a Bahia à sua Independência no ano seguinte (2 de julho de 1822). O protagonismo do povo cachoeirano nessas lutas, fez com que ficasse conhecida como Cidade Heróica. Todos os anos desde 2006, no dia 25 de junho, a cidade passa a ser a capital da Bahia, recebendo a visita do governador e algumas autoridades do cenário político.



<https://www.google.com.br/s>

No Período Republicano, a Cidade chegou à decadência comercial e, durante muitas décadas, viveu estagnada e mergulhada no anonimato. O período da opulência havia passado, sua história de riquezas que trazia a inveja a qualquer cidade, seus prédios, casarões e igrejas em estilo barroco totalmente abandonados, chegando a ruínas. Em 1971, retorna ao cenário nacional a partir da sua elevação à condição de Cidade Monumento Nacional, Cidade Monumento Nacional (Decreto 58045- 13-01-1971), devido à sua arquitetura de valor histórico e artístico, característica dos séculos XVII a XIX, Seu casario, igrejas e prédios históricos preservam a imagem do Brasil Império. (FERNANDES; OLIVEIRA, 2012, p. 4). Outra razão para o tombamento da cidade deve-se à sua história como Heróica e às ameaças que vivia o patrimônio. A valorização do patrimônio nessa época poderia atrair o turismo e contribuir tanto para a sua preservação quanto para seu dinamismo econômico.

Assim Cachoeira conseguiu preservar uma boa parte do seu acervo histórico, trazendo muitos turistas todos os anos que vêm para conhecer um pouco mais da sua história, seu patrimônio secular, o interesse pela arte e arquitetura católicas, pelas festas da Boa Morte, d'Ajuda e de São João, e sobretudo, interessados no candomblé. Neste cenário não podemos deixar de mencionar a feira, tema do estudo.

Falar em Cachoeira, esta cidade banhada pelo caudaloso, poético e ex-rebelado paraguaçu, graças a engenharia hidráulica para contenção das suas águas é louvar um período glorioso, em vários ramos da atividade humana. Seja na agricultura do fumo e notadamente da cana-de-açúcar, matéria prima para o funcionamento dos desaparecidos engenhos do nosso territórios: seja na literatura, representada por Aristides Milton, Alberto Rabelo no jornalismo, por Durval Chagas, que herdou a veia poética do seu pai José Ramiro das Chagas, exteriorizada através do extinto bisemanário "A ordem", que hoje ressurgiu, foi na época, veículo de inteligência brilhantes, representada pelo extinto jurista e príncipe da oratória cachoeirana, Carlito Onofre. Augusto Azevedo Luz, Manoel Cirilo das Chagas, Fortunato da Costa Dórea, Alexandre Maciel Junior e entre outros . (A heróica por Artur Marques, 13- 03- 1987)

Conhecer a Cidade do Rosário do Porto da Cachoeira de berço é viver o as religiões de matrizes africanas, o Samba de Roda, a Capoeira, entre outras festas culturais, religiosas e populares, assim como cerâmica e escultura que fazem parte da cultura, mas também e lembrar do passado, das antigas fábricas de charuto, de história da qual participaram homens e mulheres, o que é um motivo de muito orgulho para toda comunidade cachoeirana.

2.2 Início das feiras livres

De acordo com (FORMAN, 1979), no Brasil, há indícios que as feiras livres já existem desde os tempos da colonização e, apesar de toda modernização que se teve desde essa época, elas resistiram até os dias atuais, sendo em muitas cidades principalmente do interior do país, o único meio de comércio da população, funcionando também como centros de aprendizado cultural.

Atribui-se à Idade Média, a oficialização das feiras, pois em Roma, estabeleceu-se que as regras de criação e funcionamento destas dependiam da intervenção e garantia do Estado, que atuava como disciplinador, fiscalizador e cobrador de impostos. Rezende (1992) descreve no pensamento platônico, uma extensão do conceito de sociedade atribuindo a esta a condição de saúde dos indivíduos, acrescentando o campo da alma e a necessidade de estar em harmonia com o corpo, uma mente sã em um corpo saudável.(ALMEIDA, 2009, p 22)

As feiras livres são espaços que já existem a muito tempo, como podemos perceber, apesar de toda mudança que ela vem sofrendo com o passar dos anos conseguiu se manter viva até os dias de hoje, é evidente que hoje muitas pessoas sobrevivem através dela, no passado era apenas uma troca de mercadorias, mas hoje tornou-se uma grande fonte de comércio para muitas pessoas.

Nesse sentido, o equilíbrio interno do homem, com a organização social e a natureza são sinônimos de saúde para antiguidade grega. Podemos articular este conceito às performances do homem nas feiras, haja vista que a vida social na antiguidade grega, também girava em torno desses fenômenos. Do ponto de vista da epistemologia global, as feiras são fenômenos econômicos, educacionais e sócio-culturais antigos, presentes na cultura asteca, conhecidos por gregos e romanos. A partir da revolução comercial (séc. XI) as feiras adquiriram notoriedade e firmaram-se entre as camadas mais populares em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos. .(ALMEIDA, 2009, p 23)

As feiras livres foram crescendo de uma forma natural, as pessoas perceberam nela, um meio de sobrevivência, onde poderiam vender seus próprios produtos e ajudar no desenvolvimento da sua cidade. As autoridades viram o

quanto as feiras estavam exercendo um papel de agente contribuidor para o crescimento comercial dos seus municípios, e onde poderiam ter o aumento dos produtos comercializados dos membros da própria comunidade.

O movimento de surgimento das feiras foi acompanhado de uma demanda natural das pessoas por oferecer um ambiente onde se pudesse agregar a maioria dos produtos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, vendendo ou trocando excessos por outros produtos dos quais se tinha falta. É importante destacar que as autoridades tinham grande interesse quanto à colocação de feiras em suas regiões, porque elas contribuía para o aumento do fluxo de recursos nas mesmas, bem como, seriam negociados os produtos da própria comunidade. .(ALMEIDA, 2009, p 23)

3 Histórico da feira de Cachoeira

Ao iniciar este trabalho podemos perceber uma grande dificuldade em encontrar referências bibliográficas sobre a feira livre da cidade de Cachoeira BA, para desenvolver buscamos antigos moradores da cidade e dos comerciantes mais antigos que até hoje vivem e sustentam suas famílias através do comércio na feira livre.

As feiras livres, mais que espaços de comércio, são locais que representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram a produção local e a circulação de mercadorias. . No Brasil, como em outras sociedades, as feiras são espaços ricos culturalmente. Em geral, afastadas dos setores mais abastados das cidades, elas estão mais próximas das camadas populares, nas áreas periféricas e hoje servem mais a esta população. (MINNAERT, 2008, p. 130)

A feira livre de Cachoeira atualmente está localizada na praça Maciel, no centro da cidade, ocupando todo entorno do mercado municipal, segundo moradores do entorno da feira, a cada ano que passa a feira vem crescendo cada

vez mais. Segundo relatos de uma feirante que trabalha na feira há 70 anos, desde quando a feira era localizada na antiga Praça do Tamarineiro, a Sra. Floripes, que atualmente comercializa cereais e carne na parte interna do mercado municipal de Cachoeira, falou que a feira nem sempre foi onde hoje se encontra, segundo ela, a feira já foi situada na Praça Dr Milton, nessa época ela comercializava verduras e frutas.

Ainda de acordo com a fala da Sra Floripes, no período que a feira era localizada na Praça Dr Milton, era bem mais organizada, as dificuldades eram maiores mas as pessoas respeitavam mais os feirantes, hoje ninguém pode falar nada, disse que os órgãos competentes não dão nenhum apoio para eles, hoje ela trabalha na feira por falta de opção, pois já é uma pessoa de idade e não consegue emprego em lugar nenhum.



Arquivo pessoal do Sr. Raimundo Pedra do Lago.



Arquivo pessoal do Sr. Raimundo Pedra do Lago.

Quando a feira era situada na praça Dr; Milton, não tinha a proporção como dos dias atuais, naquela época segundo relato de moradores antigos, como por exemplo o Sr Heraldo Cachoeira, um morador que é tão apaixonado pela cidade que o seu sobre nome foi escolhido em homenagem a cidade. Segundo ele a feira não tinha essa diversidade como nos dias de hoje e nem a organização como nos dias atuais, por exemplo, as mercadorias que eram vendidas naquela época, eram expostas no chão, sem nenhuma proteção contra agentes causadores de doenças, em alguns casos, a única proteção era palhas de bananeiras, que eram colocadas no chão e em seguida os comerciantes botavam as mercadorias em cima, mesmo nos dias atuais podemos ver vários comerciantes com esses antigos costumes, alguns deles dizem que comercializam os produtos dessa forma por não terem adquirido a barraca que foi doada pela prefeitura, outros dizem que comercializar no chão é melhor, que essa forma de comércio vem de geração em geração e que eles não pretendem mudar a sua forma de venda.

Ainda de acordo com a fala do Sr. Heraldo Cachoeira, nem todos tinham barracas para se proteger dos raios solares, uma boa parte dos feirantes trabalhavam completamente expostos ao sol e a chuva, no verão a cidade de Cachoeira é muito quente e o sofrimento era muito forte para os feirantes que trabalhavam sem as barracas.

No passado o único meio de transportes utilizado pelos comerciantes para trazer as mercadorias para a feira, era através de animais como cavalo, burro e jegue, as dificuldades enfrentadas por eles eram muito grande, pois muitos deles

moravam na zona rural e o trajeto de onde eles moravam até a feira, as vezes era muito longo e no período chuvoso o trabalho era bem pior. Diferente da feira na atualidade, onde muitas pessoas que hoje moram no centro comercializam e sobrevivem da feira livre. Muitos deles tem veículos que facilita muito na ida e vinda de mercadorias e o próprio acesso deles a feira. Mesmo com todas as mudanças que a feira vem tendo com o passar dos anos, ainda assim, encontramos muitos feirantes que se locomovem com suas mercadorias através de animais, pois muitos deles não tem condições financeiras para comprar um carro e a forma que eles tem para trazer suas mercadoria para a feira é através dos animais.



Arquivo pessoal do Sr. Raimundo Pedro do Lago

Hoje quando andamos pela feira de Cachoeira encontramos uma grande variedades de produtos, que vai de roupa a calçados, DVD, CD, eletros domésticos, frutas e verduras, carne seca, peixe seco, até remédios encontramos na feira. Antigamente o que se encontrava na feira eram produtos que se encontravam nos quintais das residência ou no plantio das fazendas. Segundo o Sr Herald, muitos moradores da zona rural naquela época plantavam os produtos nas suas terras e não tinham como consumir tudo, então começaram a levar seus produtos para trocar por outros tipos de produtos, por exemplo o camarada tinha muito feijão, levava para a “feira livre” e lá trocava o seu feijão por milho e assim por diante. Logo depois as pessoas começaram a levar seus produtos e comercializarem na feira de uma forma mais profissional, como uma forma de sobrevivência mesmo, e isso acontece até os dias de hoje.

O feirante não perde de vista a vida árdua que traça diariamente, mas muitos deles se sentem realizados pelas conquistas proporcionadas pelo tempo de trabalho. Mas, é óbvio que não podemos deixar de considerar que o que serve para um, pode não servir para todos. Embora essa seja a dinâmica da vida humana, a busca de seus interesses constantemente, essa opção pelo trabalho informal é apresentada como uma válvula de escape para que estes homens possam estar inseridos no

mercado de trabalho, na condição de fazerem parte de um específico grupo da população economicamente ativa. A esperança de ter um ponto, direciona os planos de muitos entre eles. (BRITO, 2005,p.10)

A falta de emprego é uma realidade para muitos brasileiros, com isso, o emprego informal vem crescendo cada vez mais, Cachoeira é uma cidade pequena com aproximadamente 35 mil habitantes, onde a grande maioria das pessoas vivem da agricultura, da pesca ou da criação de animais para o comercio. Com a falta de oportunidade no mercado formal, muitos cachoeiranos e moradores de cidades vizinhas vem para a feira de Cachoeira para comercializar seus produtos e poder alimentar suas famílias. Muitos feirantes já estão neste ramo há muito tempo, em entrevista com alguns deles, podemos perceber as dificuldades que os mesmo sofrem para poder sobreviver em uma feira onde a venda de um produto é muito disputada, pois são varias pessoas vendendo o mesmo tipo de mercadoria, mesmo assim, eles se mostram felizes com o seu trabalho e não pretendem sair da feira.

O feirante não perde de vista a vida árdua que traça diariamente, mas muitos deles se sentem realizados pelas conquistas proporcionadas pelo tempo de trabalho. Mas, é óbvio que não podemos deixar de considerar que o que serve para um, pode não servir para todos. Embora essa seja a dinâmica da vida humana, a busca de seus interesses constantemente, essa opção pelo trabalho informal é apresentada como uma válvula de escape para que estes homens possam estar inseridos no mercado de trabalho, na condição de fazerem parte de um específico grupo da população economicamente ativa. A esperança de ter um ponto, direciona os planos de muitos entre eles. (BRITO, ano,p.10)

A feira de Cachoeira tornou-se o meio de sobrevivência para muitas pessoas, podemos perceber isso com o grande crescimento que a mesma vem sofrendo com o passar dos anos, uma feira que se iniciou na Praça Doutor Milton, logo foi transferida para a Praça Marciel por causa do aumento de pessoas que começaram a comercializar nela. Hoje a feira ocupa várias ruas da cidade e se não houver uma fiscalização em torno desse crescimento, poderá chegar a proporções muito maior.

Segundo relatos do Sr. Delmiro, feirante antigo da cidade de Cachoeira, com o passar dos anos a feira virou uma grande fonte de renda para muitos moradores da cidade, principalmente para os moradores da zona rural, com isso a feira foi crescendo cada vez mais. A Praça Dr Milton, local onde a feira se iniciou, não acomodava mais tantos comerciantes e consumidores, tendo que mudar para a

Praça Maciel, onde a feira está localizada até os dias de hoje. Em sua fala, a feira antigamente era bem melhor, ele levava sua mercadoria para a feira e no período da manhã já tinha vendido tudo, hoje ele vai até a noite e não vende nem a metade do que vendia antes, naquela época segundo ele, o preço dos produtos era bem mais barato e a concorrência era bem menor, com o desemprego muitas pessoas migraram para a feira diminuindo bastante as suas vendas, . Ele relatou que a grande maioria dos feirantes estão trocando mercadoria, quer dizer, estão vendendo quase a preço de custo, pois se aumentarem mais o valor dos produtos passam o dia inteiro e não vendem nada.

Depois que a feira livre de Cachoeira mudou-se para a praça Maciel, ela sofreu outras mudanças de localização, na gestão do prefeito Fernando Antonio da Silva Pereira foi mudada para a rua Augusto Regis, antiga feira do marisco, segundo informações do Sr. Delmiro, a feira de Cachoeira já foi localizada na rua dos Currais Velho, onde o mesmo falou que muitas vezes teve que se deslocar para lá, isso nos períodos das enchentes causadas pelo Rio Paraguaçu, as águas atingiam toda a praça Maciel e os feirantes se mudavam para um ponto mais alto, mas quando as enchentes eram muito forte até a rua dos Currais velho era atingida, e aí, os feirantes se deslocavam para um ponto mais alto ainda, que era na rua JJ Seabra, mais popularmente conhecida como rua da feira, nome assim conhecido por este fator, da feira nessas épocas de enchentes se deslocar para lá, e pelo fato também, segundo moradores antigos da cidade, de ser o único caminho no passado que dava acesso a cidade de Feira de Santana.

Com a visita à Feira Livre de Cachoeira, ficou perceptível determinada desorganização à respeito da estrutura da feira como um todo. Algumas barracas encontram-se armadas em frente a casas comerciais, com pouco espaço de distância entre as mesmas. Outro aspecto importante notado foi a presença das mesmas sobre bueiros, aumentando as chances de contaminação dos alimentos a partir de fungos ou bactérias ali presentes. (NASCIMENTO e CORRÊA,2016,p.03)

A feira de Cachoeira é visitada por muitas pessoas quase todos os dias, menos ao domingo que é o único dia que não tem feira livre, também como falamos mais a cima, toda as variedades que são encontradas, o preço dos produtos como por

exemplo, verduras, frutas, cereais e confecções, que são coisas bastante utilizadas no dia a dia pelas pessoas, são bem mais acessível do que os preços encontrados nas lojas e supermercados, fora a famosa barganha que só é vista nas feiras livres. Por essas e outras razões, é de suma importância que façamos com que as pessoas sintam a necessidade de preservar e valorizar a sua própria cultura.

Contudo, observamos nestes espaços sociais um conjunto de costumes e práticas que dão continuidade ao mercado tradicional, ao mesmo tempo que presenciemos um conjunto de alterações e adaptações às novas realidades econômicas, tendo todos estes comportamentos, como intuito principal, agradar os fregueses. As formas de pagamento e as técnicas de venda, como a barganha, por exemplo, são peculiares destes universos comerciais e culturais contemporâneos. Já em relação aos fregueses, estes vêm as feiras como lugares de abastecimento, mas também os procuram com intuito de rememorar momentos significativos de suas vidas, contextualizando-os em suas memórias. (ARAUJO, 2013, p. 04)

4 A Feira de Cachoeira e a Noção de Patrimônio Cultural imaterial

A feira livre de Cachoeira faz parte da cultura da cidade. Ao circularmos por ela, podemos perceber a importância que a mesma tem para toda a comunidade cachoeirana, pois constitui-se em única feira na Sede¹, e para os turistas que ao visitar a cidade, percebem que a feira livre tem significado pois segue tradições que vêm passando de geração em geração.

¹ A feira livre mais próxima desta da Sede do município é a do Alecrim, em zona rural a 10min da Cidade, em transporte rodoviário.



Foto, Ednei Guedes

A feira de Cachoeira é um local onde podemos encontrar “de tudo um pouco”, conforme expressão popular, sendo extremamente útil à população que encontra com facilidade produtos alimentícios como: frutas, verduras, carnes em geral, camarão, confecções, sapatos, bijuteria, CD e DVD.

Deste modo, essa feira exerce forte atração, além dos moradores da cidade, sobre visitantes e turistas². A feira é potencialmente um patrimônio cultural imaterial pela riqueza que a mesma oferece para toda cidade, saber-fazeres estão presente nos quatro cantos dela. Encontramos a baiana fazendo e vendendo seu acarajé, (coisa que não é visto em qualquer lugar), observamos a baiana batendo o feijão com a colher de pau, preparando o azeite na vasilha para fritar os bolinhos do acarajé. Isso é de uma riqueza que emociona as pessoas, porque o importante é o conhecimento que elas transmitem para nós.

Por exemplo, a farinha de mandioca, que encontramos na feira, não é uma farinha encomendada pelas indústrias, a farinha vendida na feira é uma farinha feita nas casas de farinha encontradas na zona rural da cidade. Quando temos o privilégio de ver como a farinha é feita, todo o processo que passa para chegar a nossa mesa, valorizamos o preço que os feirantes vendem, mas valorizamos ainda mais as pessoas que a fazem. Assim percebemos que as técnicas, o saber fazer é mais importante do que o objeto em si. A feira livre de Cachoeira é muito rica no aspecto cultural, podemos observar que apesar de todas as mudanças que já teve, como troca de localidade, variações dos dias de feira, mudanças nas estruturas

² O turista é considerado o visitante que passa mais de 24h no destino.

das barracas, mesmo assim, não perdeu o mais importante que é o saber fazer que está intrínseco nela.

De acordo com o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro é compreendido como:

[...] os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam. Essa definição bem indica o entrelaçamento das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais. (CAVALCANTE; FONSECA, 2008, p. 11)

A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003) define patrimônio cultural imaterial como:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.. (UNESCO, 2003)

Apesar da feira livre de Cachoeira não ser um bem patrimonializado enquanto patrimônio imaterial na categoria Lugar, devemos considerar que se situa no Centro de uma cidade histórica, que é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (IPHAN).

A pergunta que fica no ar é, cadê esses programas de proteção para os bens da nossa cultura imaterial, quantos conhecimentos foram perdidos com o passar dos anos, cadê o nosso governo, tudo isso fica muito lindo no papel, mas a realidade é outra. O mesmo vem acontecendo na feira livre da Cachoeira, quantas técnicas e aprendizados, podem ser perdidos ali, pois o conhecimento do bolinho de massa, da farinha de mandioca, da maniçoba e muitas outras que estão inseridas

na feira, aprendizados que vem de geração em geração, mas que aos poucos estão acabando, pois as pessoas não se interessam mais em aprender e se não registramos isso, todo esse conhecimento um dia vai se acabar, será que vamos deixar toda essa riqueza se perder, vamos ficar de braços cruzados esperando o tempo passar e não fazer nada. Onde estão os órgãos que protegem toda essa cultura imaterial, está na hora de darmos um basta nisso, e começar a cobrar aquilo que é de direito nosso, só assim vamos conseguir preservar a nossa cultura imaterial.

No Brasil, o debate em torno da concessão de patrimônio e das políticas públicas de reconhecimento teve início nos anos 20 e tratava-se de iniciativas locais. Porém, na década de 1930, o debate foi ampliado em uma esfera nacional, com a criação do Instituto Nacional de Proteção Patrimonial. Em 1936, atendendo ao pedido do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, Mário de Andrade elaborou o projeto que justificaria a implantação do Instituto. Este projeto traz "a concepção de patrimônio extremamente avançada para seu tempo, que em alguns pontos antecipa inclusive, os preceitos da Carta de Veneza, de 1964. (ARAUJO, 2013, p. 04)

Antigamente quando se falava em feira livre logo vinha na mente das pessoas, um lugar desorganizado, lugar de pessoas que não têm dinheiro. Mas podemos perceber que esse paradigma está sendo retirado da mente das pessoas, feira é um lugar onde as pessoas se encontram onde o diálogo está presente, não é um ambiente só para comprar e vender, é um lugar organizado, cheio de pessoas inteligentes, rica em cultura material e imaterial, é um local agradável e cheio de vida.

Podemos perceber através da leitura o quanto é importante toda a trajetória que a feira livre de Cachoeira vem passando , como o exemplo da leitura do projeto de requalificação da feira de São Joaquim, no qual é relatado que na época que os saveiros atracavam no cais de Cairu junto a rampa do Mercado Modelo de Salvador, na antiga Feira de Água de Meninos, desde essa época a Feira de Cachoeira já recebia mercadoria para serem comercializadas para a população cachoeirana e cidades vizinhas.

Em Salvador, os saveiros atracavam no cais de Cairu junto à rampa do Mercado Modelo, na Feira de Água de Meninos na Preguiça, nos bairros da Ribeira e do Bonfim e levavam, dentre outros objetos, tecidos e utensílios de uso doméstico para os portos das cidades baianas de Santo Amaro da Purificação, São Francisco do Conde, Salinas das Margaridas, Aratuípe, Maragojipe Cachoeira e São Félix. (LIMA e PAIM, 2008, p. 73)

Com todas as dificuldades enfrentadas para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, podemos dizer que já existe um grande avanço na área. Como podemos perceber já existem algumas políticas de preservação para ajudar a preservar o nosso patrimônio intangível, existem por exemplo quatro livros onde são documentados os bens culturais intangíveis que a função primordial desses livros é não deixar morrer esse conhecimento que está intrínseco dentro das pessoas. Os quatro livros são: Livro de Registro dos Saberes, (Conhecimento e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades), Livros de Registros das Celebrações (Rituais e festas que marcam a vivencia coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social), Livros de Registros das Formas de Expressão, (Manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas), Livro dos Registros dos Lugares (Mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e produzem práticas culturais coletivas.

O Decreto 3.551/2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, acaba de completar seis anos, assim como a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Não só pelo pouco tempo e pela novidade dos procedimentos aplicados no tratamento do tema, a salvaguarda desses bens constitui uma política pública em construção, especialmente em decorrência da opção de se estabelecer o conceito de patrimônio cultural imaterial a partir das práticas de reconhecimento e valorização que estão sendo levadas a efeito. (IPHAN, 2006, p. 09)

A feira de Cachoeira não está inscrita em nenhum destes livros, pois existe todo um processo político envolvido para inscrever um bem cultural imaterial em um deles, não sabemos como é escolhido, como é feita essa seleção para compor um bem intangível no livro, sabemos que o decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, diz que é preciso fazer um levantamento sobre o bem cultural, apontando toda sua importância para comunidade, documentá-lo, para então os órgãos competentes

definir se o bem cultural pode ou não ser inscrito em um dos livros citados. A luta é árdua, mas através da força da comunidade, com um pouco mais de empenho, quem sabe poderemos ver a feira livre da cidade da Cachoeira que faz parte do patrimônio cultural imaterial brasileiro, inscrita no livro dos registros dos lugares.

5 O processo de padronização

A feira de Cachoeira está passando por um novo processo de padronização. Na gestão do ex prefeito de Cachoeira, o Sr. Carlos Menezes Pereira foi iniciado um processo de padronização somente no setor de hortifrutigranjeiros, na época foram distribuídas várias barracas para os comerciantes e muitas barracas de madeiras foram retiradas da feira livre . Mas mesmo assim, muitas pessoas ainda continuaram comercializando suas mercadorias nas barracas de madeira, pois as barracas foram distribuídas de forma errada segundo relatam os próprios comerciantes da feira, quando eles dizem, que tiveram pessoas que adquiriram varias barracas e outras não obtiveram nenhuma.

No plano de padronização da gestão passada, o principal objetivo era tirar as barracas de madeira da feira e colocar todos os comerciantes que trabalhavam no chão para comercializar nas novas barracas, mas infelizmente o projeto não vigorou, e ainda ao entramos na feira podemos nos deparar com muitos comerciantes vendendo no chão, onde a única forma de proteção para as mercadorias é, um pedaço de plástico ou palha de bananeira que são colocadas no chão e em seguida é colocada as mercadoria por cima.

Desde o primeiro dia da atual gestão municipal da cidade de Cachoeira, o prefeito Fernando Antonio da Silva Pereira, popularmente conhecido como (Tato), já iniciou sua gestão fazendo uma reunião com os feirantes, comunicando-os sobre as novas mudanças que viriam sobre a feira livre da cidade e dentre essas mudanças, uma das principais temáticas da reunião foi a padronização da feira. Assunto esse que já foi gerando uma serie de discussões entre os comerciantes

pois a padronização envolve tamanho da barraca, localização das barracas, dias de feira e outras questões que envolve diretamente comerciantes, clientes e moradores do entorno da feira.

Na construção deste trabalho, onde uma das ferramentas mais utilizada foi a pesquisa de campo e a entrevista oral, podemos perceber que muitas pessoas não concordavam com a padronização da feira pelo fato de perderem o espaço que antes tinham, se deslocarem para outros lugares, ficar ao lado de vizinhos diferentes e uma parte nos relatavam que a feira sempre foi no chão, que assim perderiam esse aspecto cultural que já existe a muito tempo. Neste dialogo tentou-se mostrar que toda mudança gera conflitos, mas ao mesmo tempo tentamos mostrar que o mais importante na feira são eles, que a verdadeira cultura quem fazem são eles, e que sem eles não haveria cultura, e muitos deles se sentiram tão felizes que acabaram concordando com a padronização, entenderam que nada mais é, do que, organizar as barracas, tirar do chão o alimento, dando a eles uma higienização melhor para os seus alimentos, e perceberam que o verdadeiro patrimônio cultural imaterial existente na feira são eles.

Para as administrações das últimas décadas as feiras sempre constituíram um espaço problemático e de risco tanto para a população quanto aos planos governamentais, e que esses problemas devem ser solucionados a qualquer custo, perdendo de vista as riquezas culturais desenvolvidas no seu espaço. .(BRITO, 2006, p.05)

Alguns comerciantes da feira como é o caso do Sr. Manoel Bispo de Sousa, ignoram completamente a padronização, pois preferem a feira a modo antigo, eles acham que vender no chão já é um costume que vem de geração em geração, que feira livre é assim mesmo, é verdura junto de confecções, é o ambulante vendendo biscoito e outro ao lado vendendo CD e DVD, a padronização para eles vai mexer completamente com a estrutura da feira, vai tirar eles dos seus lugares que já trabalham a anos, vão ficar ao lado de pessoas que não tem comunicação, e tudo isso só vai prejudicar.

Mas a maioria dos feirantes aprovam a padronização, exemplo do Sr. Etevaldo, pois entendem que tudo precisa de mudança, que não dá mais para comercializar alimentos no chão, pois existem os agentes transmissores de doenças, e com a vulnerabilidade existente por alguns comerciantes, que não tem nenhuma forma de higiene, a probabilidade de contaminação nos alimentos, principalmente os vendidos no chão é muito grande. Na feira de Cachoeira é muito comum a venda de alimentos de origem animal, exemplo, carne bovina, carne de carneiro, frango, todos são comercializados em cima das barracas sem nenhuma refrigeração, as vezes, as carnes ficam expostas a poeira e insetos, podendo alterar completamente a qualidade delas.

Na feira, a carne para ser reconhecida como fresca tem que manter características que lembre o animal. Produto fresco é aquele morto na hora, fresco está associado ao momento da mudança do estado vivo para o morto. Assim, ela deve estar exposta sangrando, pois o sangue lembra a vida; ela deve estar em grandes pedaços, ainda lembrando a forma natural do animal, se possível com pêlo; ela deve estar quente e deve ser acariciada como se acaricia o animal vivo. Desta forma, ao exigir que a carne seja exposta sob refrigeração, o fiscal interfere diretamente no simbolismo de frescor do produto. Pois, na geladeira fica o animal morto, que deve ser refrigerado para evitar a putrefação. Se a carne precisa de geladeira é porque não está fresca, porque está em processo de decomposição. A refrigeração da carne, que para os fiscais simboliza a sua conservação, para os feirantes e consumidores da feira simboliza a decomposição. (MINNAERT, p. 138)

Os moradores do entorno em quase toda totalidade, aprovam a padronização, pois no projeto de padronização criado pela prefeitura, envolve os dias de retirada das barracas para realizar a higiene das ruas onde a feira está localizada, coisa que não vinha acontecendo com muita frequência, deixando as ruas do entorno da feira com muita sujeira pelo os resíduos das mercadorias deixado pelos feirante, os restos das frutas e verduras por exemplo, apodrecem com muita facilidade, deixando as ruas com um mal cheiro insuportável, essa era uma das maiores reivindicações exposta pelos moradores do entorno, outras reclamações eram a falta de acesso com o veiculo na porta de suas residências, pois todos os dias as portas estavam tomadas de barracas, obstruindo completamente o acesso de qualquer transporte.

Quanto à situação da feira e ao seu ordenamento, os pontos de venda expõem materiais diversos, sem padronização, e ocupam o logradouro público, incluindo passeios e ponte; o lixo é produzido a céu aberto, sendo foco de doenças, além de obstruir a rede pluvial, existindo poucas lixeiras no local; os feirantes possuem precárias condições de trabalho; as condições de higiene na comercialização de alimentos e conservação de mariscos, carnes e vísceras são inadequadas. Os feirantes dividem o local com animais, principalmente cachorros, que se aglomeram nas bancas de mariscos e carnes, urinam nas barracas (onde são guardados os alimentos) e defecam no chão. O abastecimento de água é praticamente inexistente, sendo observadas apenas as torneiras dos sanitários disponíveis dentro do Mercado, utilizadas para lavagem de mãos. (ALMEIDA e PENAC, 2008, p. 115)

Com o novo projeto de padronização que está sendo elaborado pela Prefeitura, no qual aos domingos e segunda feira fica proibida a comercialização de qualquer produtos na Praça Maciel e todas as ruas onde a feira livre está localizada, os moradores ganharam dois dias na semana para estacionar seus veículos na porta, situação que agradou bastante aos moradores do entorno da feira, com a limpeza que vai ser realizadas nesses dias, a feira vai ganhar um cheiro mais agradável, esta é a opinião da grande maioria dos residentes do entorno da feira. quanto aos consumidores da feira há uma grande divergência em relação à padronização, uns concordam, pois acham que até para comprar vai ser melhor, mais higiene para os alimentos, outros preferem a feira como estar, acham que toda essa mudança pode mexer demais na estrutura da feira e até com o preço dos produtos.

O jardim localizado na Praça Maciel, que é ocupado por mais de quarenta feirantes, está passando por um processo de requalificação, com a reforma que está sendo feita pela prefeitura municipal da cidade, todos os feirantes que comercializavam em cima do jardim foram direcionados para rua Augusto Reges, antiga feira do marisco, hoje apelidado por laje, onde pode ser verificado nos anexos, na figura de numero 02 apelido este, criado pelos próprios feirantes e moradores da cidade de Cachoeira. Com a mudança muitos feirantes estão revoltado, pois alegam que depois dessa mudança de local não conseguem vender quase nada, nas suas falas, alegam que as vendas caíram mais de setenta por cento.

As maiores reclamações feitas pelos feirantes que foram direcionados para a laje, é que, o lugar é muito afastado do comércio, e com isso, eles ficaram muito isolados dos demais feirantes, dentre todas essas reclamações foi estabelecida uma reunião imediata entre os feirantes com a coordenação dos feirantes e a prefeitura municipal de Cachoeira com a finalidade de organizar a situação dos mesmos, pois muitos deles que foram para laje, queriam até desistir da profissão se a prefeitura e a associação dos feirantes não resolvesse de forma rápida a situação que foi imposta a eles.

Na reunião que foi realizada na prefeitura municipal de Cachoeira, que contou com a presença do prefeito da cidade, alguns secretários da prefeitura, com a presidente da associação dos feirantes e a coordenação do mercado e feira livre, foi estabelecido que todos os feirantes que foram deslocados para rua Augusto Reges, retornariam para a Praça Maciel, ou seja, próximo ao local de onde eles comerciavam antes. Mas para que isso pudesse acontecer, foi preciso antecipar o processo de padronização, que só aconteceria após a reforma do jardim, teve que fazer algumas mudanças no decreto que pode ser visto nos anexos na figura de número 08, como tamanho das barracas por exemplo, localização das barracas, situação que agradou aos feirantes que trabalhavam no jardim, mas desagradou a alguns feirantes que trabalham na praça Marciel fora do jardim, pois todos eles vão ter que diminuir em um metro as suas barracas, para criar o espaço onde vão ser direcionados os feirantes que perderam seus espaços após o início da reforma do jardim.

Neste novo processo de padronização que foi elaborado pela prefeitura municipal, sendo apoiado pelo Banco do Brasil, em reunião com os feirantes o prefeito Fernando Antonio da Silva Pereira, deixou bem claro que não iria cometer o mesmo erro que foi cometido pela gestão passada ao tentar padronizar a feira, um dos erros que teve a gestão passada e que foi relatada por alguns feirantes nas entrevistas, foi que não teve uma análise antes da realização das barracas, ou seja, as barracas foram feitas todas iguais, prejudicando muitos feirantes, pois a feira de Cachoeira é muito variada no aspecto de mercadoria.

Com isso, ficou impossível acomodar todos os feirantes nas barracas que foram feitas, o vendedor de frutas e verduras, que é uma mercadoria que não prejudica muito com a umidade, ainda deu para aproveitar as barracas. Não teve um

planejamento eficaz na elaboração das barracas sobre a questão da chuva, a cobertura era muito estreita e quando chovia molhava tudo, como o vendedor de biscoito por exemplo iria utilizar essas barracas, não dava, e assim muitos deixaram as barracas de lado e voltaram a utilizar as antigas bancas de madeira.

Neste novo projeto a Prefeitura antes de fazer as barracas, foi à feira verificar os tipos de mercadoria vendida na feira, fez uma reunião com os feirantes, mostrando alguns modelos das barracas, para que os mesmos pudessem dar suas opiniões sobre o novo modelo e assim chegar a um denominador comum. Os modelos das barracas foram projetadas de acordo com o tipo de mercadoria como pode ser vistas nos anexos mais abaixo, e assim a prefeitura junto com a associação dos feirantes acreditam que dessa vez o projeto de padronização da feira livre de Cachoeira vai dar certo.

5.1 Metodologia

O trabalho desenvolvido tem como objetivo analisar o processo de padronização da feira livre de Cachoeira BA, e avaliar a importância cultural que a feira exerce para a população local e cidades vizinhas. Dessa maneira, os dados obtidos foram por meio da pesquisa de campo e os métodos utilizados foram as entrevistas por meio de questionário, diálogos e visitas à feira. Para se obter uma maior lealdade dos dados obtidos buscou-se garantir total liberdade aos entrevistados sobre suas opiniões.

A feira livre de Cachoeira funciona no centro da cidade, próximo ao mercado municipal, ocupando principalmente a Praça Maciel, e parte da rua Augusto Reges. Contando com o número de 400 feirantes registrados pela Secretária de Serviços Públicos. Sendo dividida em bancas madeira, de ferro e todos. A feira Tem início terça feira pela manhã e termina sábado á noite.

A pesquisa durou oito meses, durante esse período foram entrevistados dez feirantes, dez consumidores e três moradores do entorno da feira.

Considerações finais

Portanto, a feira livre da Cidade de Cachoeira é um patrimônio cultural imaterial, possui um acervo muito rico, no quesito, manifestações religiosas, as tradições que vêm passando de geração em geração, o saber fazer das pessoas que estão presentes nos quatro cantos da feira, e por toda cultura material que também é encontrado nela. Tudo isso é de grande importância para pesquisa e só tem a beneficiar pesquisadores, estudantes e toda comunidade em geral.

O objetivo desta pesquisa foi analisar o processo de padronização da feira livre de Cachoeira, verificando o que a padronização que está sendo projetada pela prefeitura municipal da cidade vem a oferecer para os feirantes, consumidores e moradores do entorno, mostrando os prejuízos e benefícios que a mesma trouxe para todos os envolvidos com a feira livre. A proposta da prefeitura municipal da cidade é melhoria e a qualidade de vida dos feirantes, pois entende que já estava na hora de uma intervenção na feira, pois a mesma já estava sendo conduzida de uma forma deplorável na visão da atual gestão municipal, sem nenhuma estrutura de qualidade para os feirantes e há tempo, consumidores, comerciantes e moradores do entorno, estavam vivendo com a desorganização proporcionada por uma feira, que já era para ter passado por um processo de padronização eficiente há muito tempo.

Os resultados demonstrados durante a pesquisa foi que a feira livre de Cachoeira, realmente necessitava de um processo de padronização, pois a desorganização é muito evidente em todo o seu trajeto, o setor dos hortifrutigranjeiros é a parte mais lastimável da feira, pois não existe corredores, o acesso para cadeirante, idosos ou pessoas com alguma deficiência fica impossível, barracas de madeira completamente destruídas são encontradas nessa parte e muitos comerciantes vendem suas mercadorias no chão sem nenhuma proteção. Apesar de alguns feirantes não concordar com a padronização, por acharem que vão ficar com prejuízos, por perderem espaço ou terem que se deslocar para outros locais, uma grande parte se manifestou a favor, por entenderem que a falta de organização e higiene na feira é muito grande. A única coisa para a padronização

da certo em suas falas, é a prefeitura organizar a feira por setores, exemplo, verdura com verdura, confecções com confecções e todos terem uma metragem igual em suas barracas.

. Através da pesquisa que foi elaborada na feira livre de Cachoeira BA, foi possível identificar todos os prejuízos e benefícios que a padronização trouxe para os feirantes, consumidores e moradores do entorno da feira. Podendo assim, contribuir através das informações colhidas pelos feirantes e a prefeitura municipal da cidade uma clareza do que realmente a padronização vem a oferecer para esse patrimônio cultural imaterial, que é , a feira livre de Cachoeira.

Referências

ALMEIDAB, Mirella Dias e PENAC, Paulo Gilvane Lopes, em seu artigo com o tema. **A feira livre e risco de contaminação alimentar**: estudo de abordagem etnográfica em Santo Amaro.

ARAUJO, Giovanna de Aquino Fonseca, 2013, **Trajetória histórica conceitual sobre patrimônio imaterial** e cultura no Brasil e em Portugal tendo as Feiras como lugar de investigação².

As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: Alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação

BRITO, Júlia Rosa Castro de , **Feirantes: do Centro Comercial à Nova Feira de Camaçari**

CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro e FONSECA, Maria Cecília Londres Fonseca ,**Patrimônio Imaterial no Brasil**

FERNANDES, Rosali Braga e OLIVEIRA, Lelia Cristina da Silva, **EVOLUÇÃO ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA (BA): DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XXI**

ALMEIDA, SHIRLEY PATRÍCIA NOGUEIRA DE CASTRO E, FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG

LUCENDA, Thiago Isaias Nóbrega de e GERMANO, José Willington , **Feiras Livres, Cidade de um só dia, Aprendizado para Vida Inteira**

LIMA, Valdemar de Assis e PAIM, Elison Antonio , **Construindo cidadania, o projeto requalificação da feira de São Joaquim em Salvador.**

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles, **A feira livre sob um olhar etnográfico.**

NASCIMENTO, Bárbara Lorena da Silva e CORRÊA, Giselle Maria de Britto Cunha , **Estudo do Gerenciamento dos Resíduos Orgânicos Proveniente da Feira Livre na Cidade de Cachoeira-BA**: perspectivas para uma boa gestão.

O registro do Patrimônio Imaterial, Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial, IPHAN, 2006.

Patrimônio imaterial: **fortalecendo o Sistema Nacional** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília : IPHAN, 2014.

Unesco. Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, 2003, Paris.
Anais. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006.

Entrevistas com os feirantes da feira livre de Cachoeira

1- Nome?

R- Francisco

2- Idade ?

R- 60 anos

3- Tempo de comercio na feira livre de Cachoeira?

R- 30 anos

4- Produto comercializado:

R- Calçados

5- Como era a feira de Cachoeira antes do processo de padronização?

R- Boa, ótima, trabalhava normal, sossegado, tranquilo, hoje a gente está jogado, atoa, essa mudança só tem atrapalhado, mais de 20 pessoas que vieram para esse novo local, já retornaram para o antigo, porque aqui não tem comercio não, aqui é ruim demais, nesse setor aqui da laje não funciona não.

6- Quais os benefícios da padronização para os comerciantes da feira?

R- Não trouxe beneficio nenhum, pois não teve padronização, ouve uma mudança de local, quando houver uma padronização vai ficar ótimo, mas por enquanto está ruim demais.

7- Quais os prejuízos da padronização para os comerciantes da feira?

R- Muitos, porque a gente está trabalhando mas, não vende, porque o local não tem um comercio, não tem um supermercado, não tem uma farmácia, não tem uma lanchonete, então não existe comercio.

8- Como você acha que a feira vai ficar depois do processo de padronização?

R- Se padronizar, como eles dizem que irá ficar, é claro que vai ficar ótimo pra todo mundo.

Entrevistas com os feirantes da feira livre de Cachoeira

1- Nome?

R- Sandro

2- Idade?

R- 43 anos

3- Tempo de comercio na feira livre de Cachoeira?

R- 19 anos

4- Produto comercializado na feira?

R- Eletrônicos

5- Como era a feira de Cachoeira antes do processo de padronização?

R- Fluía bem, os barraqueiros tinha um lucro razoável, e hoje ficou complicado, porque, dividiu a feira e não ta tendo o acesso do cliente com a gente, quem ficou na praça Marciel, está melhor, está vendendo bastante, nós que viermos para laje a renda caiu mais de setenta por cento das vendas.

6- Quais os benefícios da padronização para os comerciantes da feira?

R- Beneficio pra mim e para alguns aqui, não teve beneficio não, beneficio teria se fosse por departamento, tudo certinho, mas tudo em um lugar só, no caso, eletrônicos em uma parte, bijuteria outra, confecções e sapato a mesma coisa, todo mundo junto, eu acredito que a melhoria ia ta aí, mas desse jeito não teve beneficio nenhum.

7-Quais os prejuízos da padronização para os comerciantes da feira?

R- O prejuízo foi visto mesmo pela gente, pelo fluxo de capital, a renda caiu muito, é melhor parar até de investir, até ver como isso vai ficar.

8- Como você acha que a feira vai ficar depois do processo de padronização?

R- Se for um projeto bem elaborado mesmo, com as barracas no mesmo tamanho e por setor, eu acredito que vai ser o ideal, o que vai servir para todos nós, porque um sistema de padronização em geral, certinho, uma padronização com largura e comprimento, até se possível as coberturas das barracas serem todas iguais, seria uma feira livre bem mais rentável, com fluxo melhor, um ambiente mais aberto para o cliente andar, tem muita coisa aí que tem que elaborar e botar no papel, eu acho que a base é essa aí.

Entrevistas com os feirantes da feira livre de Cachoeira

1- Nome?

R- Ivam Santos da Silva

2- Idade?

R- 40 anos

3- Tempo de comercio na feira livre de Cachoeira?

R-20 anos

4- Produto comercializado na feira?

R-CD e DVD

5- Como era a feira de Cachoeira antes do processo de padronização?

R- A feira era boa, a gente vendia bastante, tinha vez que eu dava duas, três viagens em Feira de Santana, antigamente a feira era boa, era uma feira desejada.

6- Quais os benefícios da padronização para os comerciantes da feira?

R- Rapaz o que ele está fazendo ai, é ótimo pra gente , se ele trazer a gente pra o lugar adequado, todo mundo certinho, vai ficar ótimo pra todo mundo.

7- Quais os prejuízos da padronização para os comerciantes da feira?

R- A venda caiu muito, ficou duas feiras, aqui a coisa não é boa, a feira só é boa, quando é ,todo mundo junto.

8- Como você acha que a feira vai ficar depois do processo de padronização?

R- Eu creio que vai ficar ótima, assim está no projeto do prefeito que a feira vai ser boa, eu acredito assim.

Entrevistas com o secretário de Serviços Públicos da prefeitura de Cachoeira

1- Nome?

R- Hudson Torres

2- Idade?

R- 56 anos

3- Como era a feira de Cachoeira antes do processo de padronização?

R- Muito desorganizada, feirantes jogados pelo chão sem nenhuma proteção para os alimentos, barracas de madeira muito velha, com a padronização que está sendo realizada com certeza vai melhorar e muito.

4- Quais os benefícios da padronização da feira livre para os comerciantes, consumidores e moradores da cidade de Cachoeira?

R- muitos benefícios para todos os envolvidos na feira livre de Cachoeira, os comerciantes vão ganhar barracas novas e adequadas para suas mercadorias, vão sair do chão e conseqüentemente vai ter melhores vendas. Os consumidores vão poder circular melhor pela feira, pois a feira não tem corredores, dificultando bastante o acesso das pessoas principalmente os portadores de deficiência física, agora, depois do processo de padronização, todos vão poder transitar melhor na feira. Os moradores do entorno vão ganhar dois dias da semana para transitar com seus veículos até suas portas e também o mal cheiro da feira que era uma grande reclamação por parte deles, vai acabar, pois vai haver a higienização das ruas uma vez por semana.

5-Quais os prejuízos da padronização da feira livre para os comerciantes, consumidores e moradores da cidade de Cachoeira?

R- Eu não vejo nenhum prejuízo que a padronização irá causar para eles, pois o projeto está sendo bem elaborado justamente para isso, para que todos possam ser beneficiados.

6- Como você acha que a feira livre vai ficar depois do processo de padronização?

R- com certeza, vai melhorar muito, pois as pessoas poderão circular melhor, vão adquirir alimentos com mais higiene, e conseqüentemente os comerciantes vão vender mais.

ANEXOS

A figura de numero 01, representa o modelo de barraca onde se vendia as mercadoria na feira de Cachoeira BA, como podemos perceber na foto logo abaixo, era toda construída de madeira, isso é uma representação das barracas antes do processo de padronização da feira.

Figura 01



Foto, Ednei Guedes

Na figura de numero dois, podemos ver o local para onde a prefeitura municipal de Cachoeira BA, enviou mais de 30 comerciantes, depois que iniciou a reforma do jardim, na praça Marciel, ou seja, a laje, como é conhecida pelos comerciantes da feira livre de Cachoeira, esse é o local que vem sendo muito questionados pelos comerciantes que saíram da Praça Marciel, onde vendiam antes do processo de padronização e foram deslocados para esse local, onde quase todos não estão satisfeitos em ficar, pois grande parte deles, dizem que depois dessa mudança, ficaram isolados, não vedem quase nada.

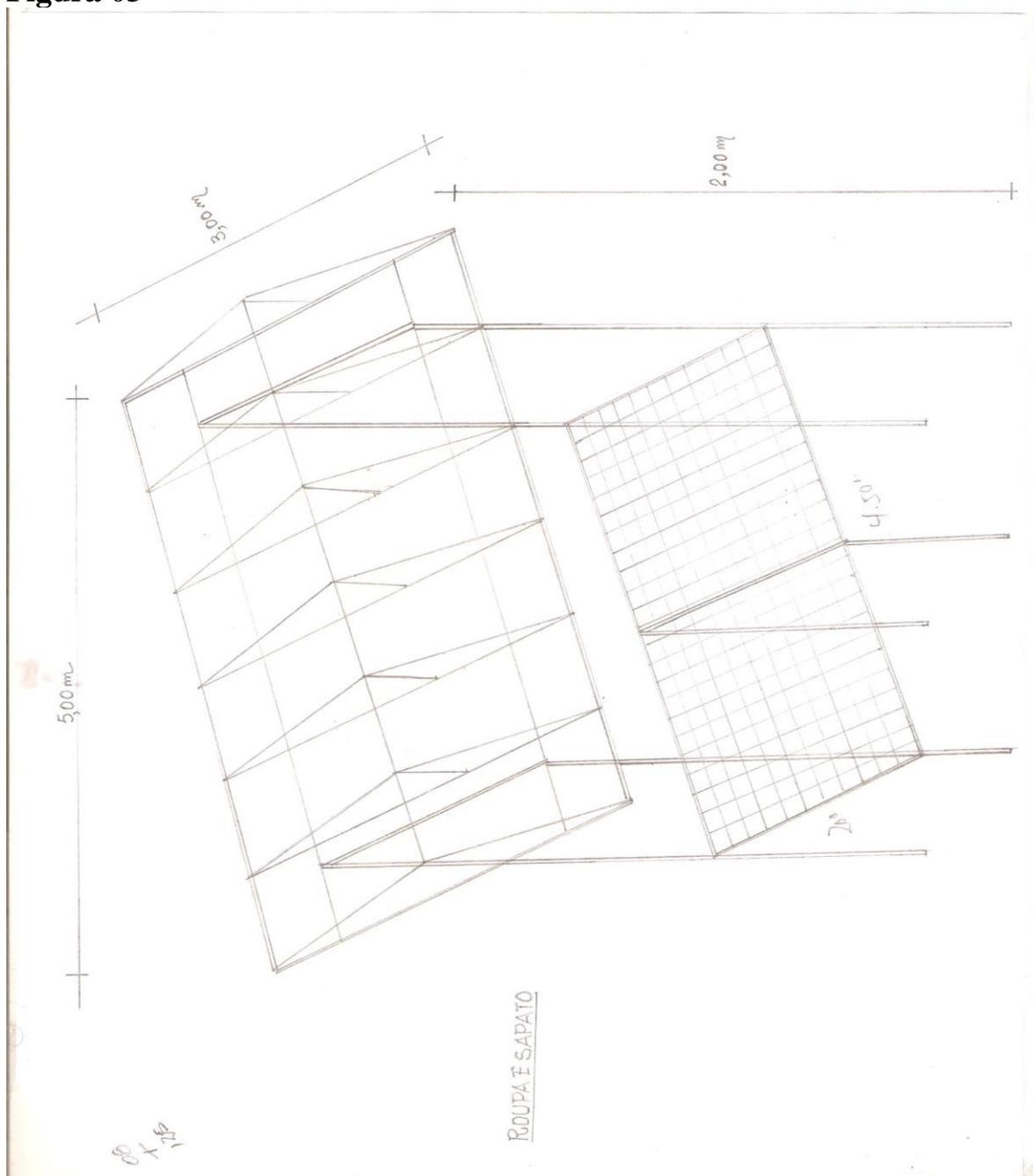
Figura 02



Foto, Ednei Guedes

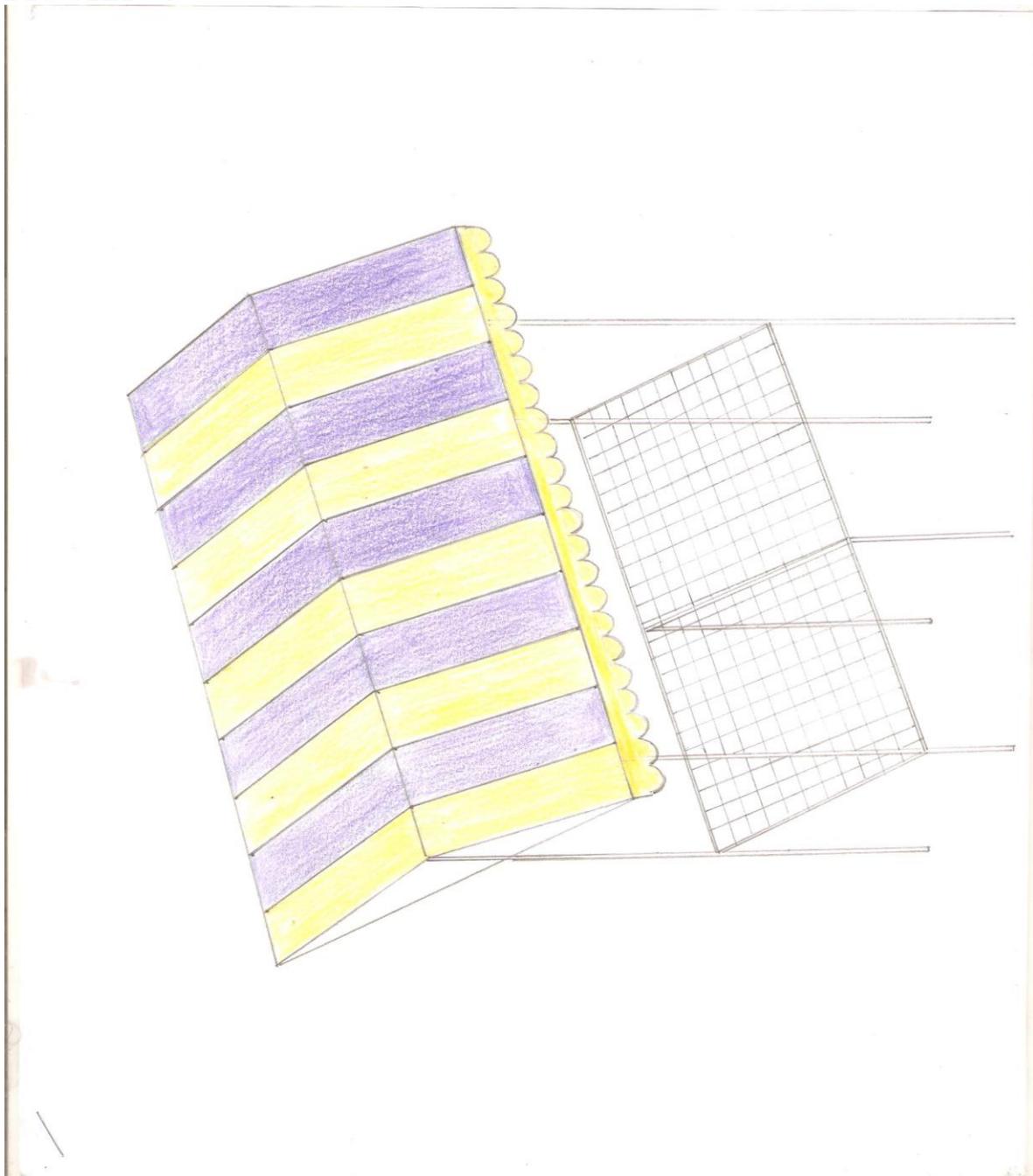
A figura de numero 03, são os primeiros passos para a elaboração das barracas que irão ser entregues aos comerciantes da feira livre de Cachoeira, os desenhos como mostrado logo abaixo, assim como todas as outra imagens anexadas ao projeto, foram elaboradas pelo artista plástico, o Sr Waldomiro, popularmente conhecido como piquenininho.

Figura 03



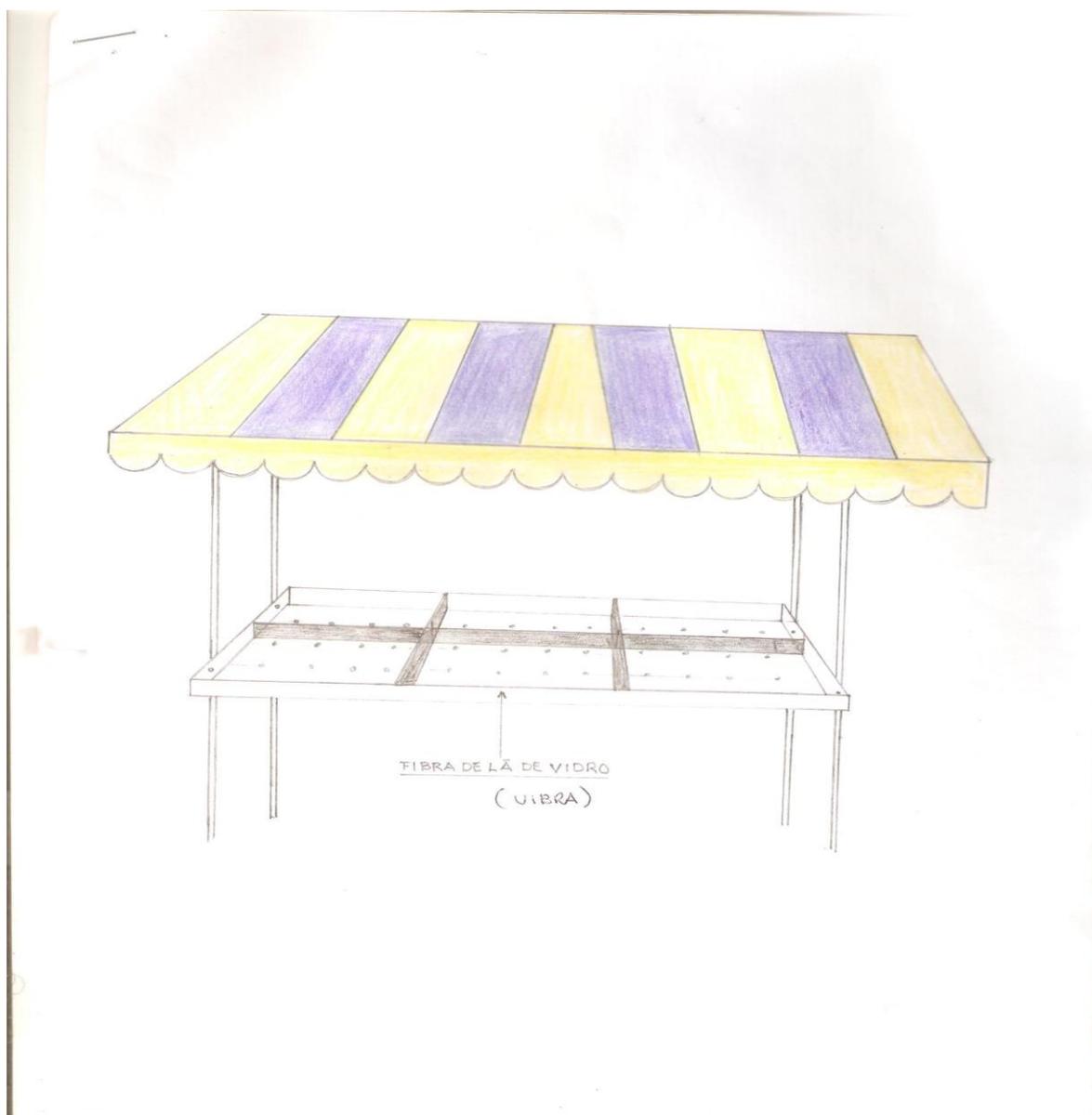
A figura de numero 04, é o modelo de barraca que serão entregues aos comerciantes de confecções e sapatos, pois ela tem uma projeção diferenciada, para acomodar o tipo de mercadoria, pois em tempo chuvoso, se não fizer uma barraca com o modelo citado, muitos feirantes perdem a mercadoria por causa da umidade provocada pela água da chuva.

FIGURA 04



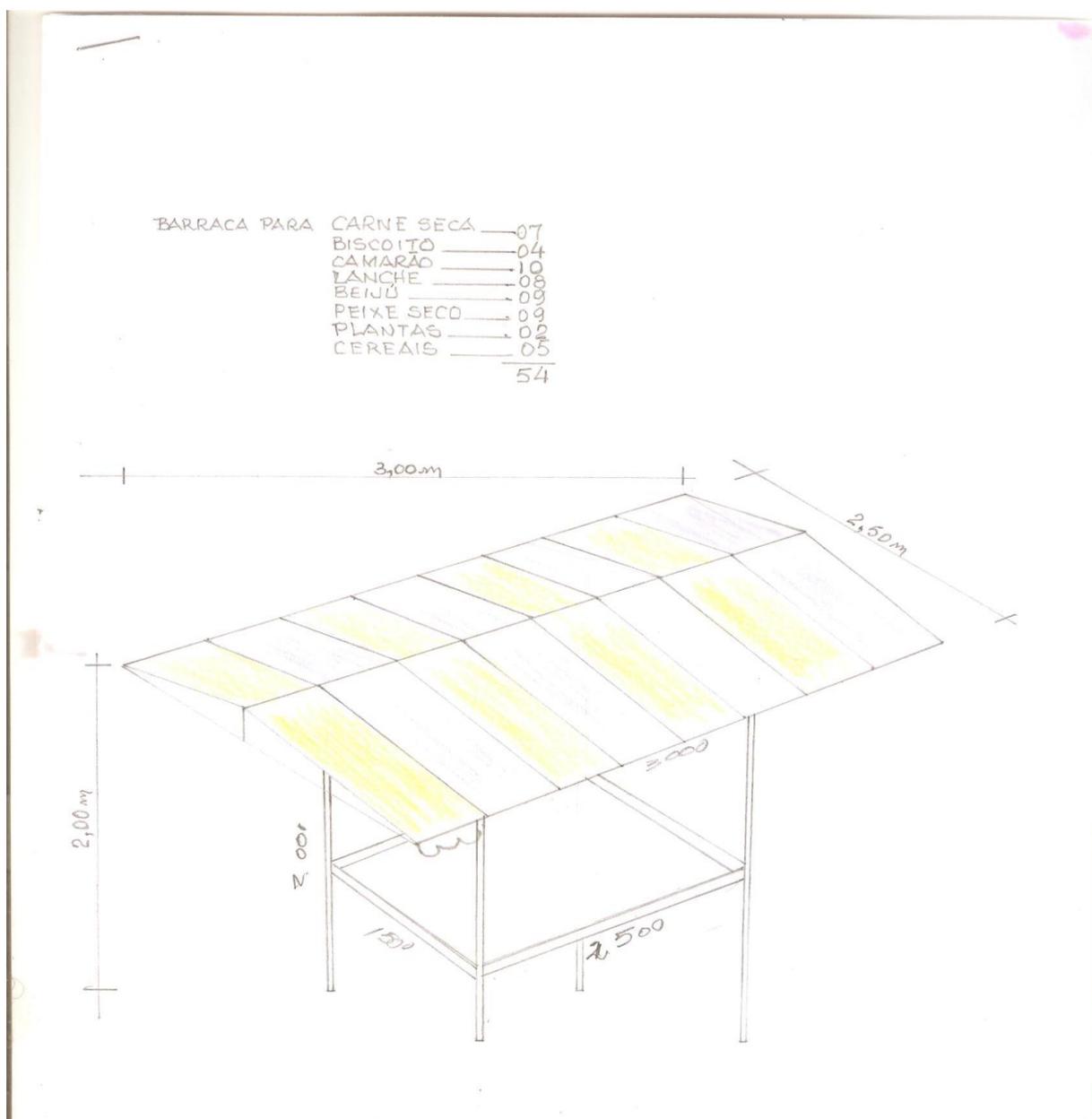
A figura de numero 05, já é uma barraca elaborada com a finalidade de venda de hortifrutigranjeiro, como pode ser observado na imagem logo abaixo, percebe-se as divisões no lastro das barracas, para que o comerciante possa dividir a arrumação das suas mercadoria de forma organizada. O lastro das barracas de verduras também é feito com um material mais resistente, pois se trata de uma mercadoria que transmite muita umidade, e os próprios comerciantes de tempo em tempo, da uma molhada com água para deixar as frutas e verduras com um aspecto mais fresco.

FIGURA 05



A figura de numero 06, nos mostra uma barraca com um modelo apropriado para a venda de carne seca, cereais, camarão, biscoito, peixe seco, pois o modelo dela foi estudado com essa finalidade, pois o lastro tem um formato mais reto, não tem divisões como as barracas de verduras e frutas, pois esse tipo de mercadoria é único, não tem tanta umidade como as frutas por exemplo, podemos perceber que cada barraca foi elaborada com uma finalidade especifica.

FIGURA 06



A figura de numero 07, refere-se a planta baixa da feira livre da cidade de Cachoeira depois de todo o processo de padronização que a mesma está passando, pois a partir da reforma da praça Marciel, onde o jardim passou por uma grande reforma, todos os comerciantes que vendiam em cima do jardim, tiveram que ser deslocados para uma outra localidade, na rua Augusto Regis. Os comerciantes descontentes com o novo lugar para comercializar as suas mercadorias, pois segundo eles, com o novo endereço as vendas caíram de uma forma muito grande, fizeram uma reunião com a associação dos feirantes e com a prefeitura para trazer eles de volta para o antigo endereço, na Praça Marciel, em reunião foi decidido que era preciso padronizar as barracas, pois só assim, seria possível acomodar todos os comerciantes que vendiam em cima do jardim junto aos outros que se encontram na Praça Marciel.

Dentro do novo projeto de padronização que está sendo elaborado pela prefeitura municipal da cidade de Cachoeira BA, como é visto na figura de numero 07, pode-se notar que, com os novos tamanhos das barracas, pôde acomodar todos os comerciantes na Praça Marciel, se for executado o projeto de padronização, como mencionado na figura de numero 06, vai acabar com toda essa polemica que vem tirando a paz de alguns comerciantes da feira livre de Cachoeira.

Figura 07



A figura de numero 08, refere-se ao decreto de padronização da feira livre de Cachoeira BA, que foi homologado no dia 05-02-2018, que tem como finalidade determinar as dimensões das barracas, as quantidades de barracas por pessoas e as localizações onde as mesmas vão ser colocadas. O decreto que entrou em vigor no dia 05, era o que faltava para colocar em pratica a padronização da feira. Os feirantes ficaram muito felizes com a noticia da publicação do novo decreto referente as novas normas de comercialização na feira de Cachoeira, o que mais se ouve falar entre os moradores da cidade, principalmente os moradores do entorno da feira, é que, Cachoeira ganhou uma feira nova e muito mais organizada.

Figura 08



Prefeitura Municipal da Cachoeira
Cidade Heroica (Lei Provincial Nº 43, de 13 de março de 1837)
Cidade Monumento Nacional (Decreto 68.045, de 18 de janeiro de 1971)
Rua Ana Nery, nº 27, Centro Histórico | CEP: 44300-000
CNPJ: 13.828.397/0001-56 | Telefone: (75) 3425-1390

DECRETO Nº 38/2018

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA, ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições legais,

CONSIDERANDO que as regras para uso e parcelamento do solo é de competência do Município;

CONSIDERANDO que a Praça Maciel, neste Município, será objeto de requalificação;

CONSIDERANDO que em tal logradouro funciona a Feira Livre, com a instalação de barracas, sendo necessário o redimensionamento das mesmas, para melhor aproveitamento do espaço,

RESOLVE:

Art. 1º - A partir do dia 05 de fevereiro de 2018, as barracas a serem instaladas na Feira Livre de Cachoeira passarão a ter as seguintes dimensões:

I – barracas de comercialização de confecções: máximo de 4 x 2 (quatro metros de comprimento por dois de largura);

II – barracas de comercialização de CDs, DVDs e assemelhados, miudezas e utensílios: máximo de 2 m² (dois metros quadrados);

III – barracas com dimensões menores que 2 x 1,5 (dois metros de comprimento por um metro e meio de largura) não deverão sofrer alterações;

IV – barracas de comercialização de hortifruti: máximo de 4 x 1,5 (quatro metros de comprimento por um metro e meio de largura).

Art. 2º - Os permissionários de uso do solo para instalação de barracas que não possuam domicílio ou residência em Cachoeira deverão instalar suas barracas na laje localizada na Rua Augusto Régis, nesta Cidade, no fundo do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.

Parágrafo único: A determinação do *caput* não se aplica aos comerciantes não possuam domicílio ou residência em Cachoeira e que comprovarem contribuição há mais de 10 anos.

Art. 3º - Após a finalização das obras, serão estabelecidas novas regras para o uso do solo na Praça Maciel, bem como sobre a dimensão das barracas.

Art. 4º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO DE CACHOEIRA, em 29 de janeiro de 2018.

Fernando Antônio da Silva Pereira
Prefeito

